

Diego Omar da Silveira

Rudolf Steiner e a educação

Creio que escrever sobre Steiner e a Educação tenha sentido nessa homenagem ao professor Ivan Antonio de Almeida, por ter sido essa sua última reflexão desenvolvida com alunos do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP. Ao longo de 2010, mantivemos, eu e ele, um grupo de estudos que se reunia mais ou menos a cada 20 dias para discutir os textos de Rudolf Steiner (1861-1925), nos quais o criador da Antroposofia refletia sobre a questão pedagógica, a educação das crianças ou o modelo de ensino adotado nas escolas Waldorf.

Steiner havia sido para mim, até então, um autor permanentemente citado por Ivan em quase todas as nossas conversas, sobretudo quando se tratava de uma apreensão mais totalizante da educação e do ser humano. Mas, confesso que havia resistido (talvez por excesso de ceticismo) em lê-lo com atenção e um pouco mais de vagar. Quando iniciei meu trabalho no Departamento de Educação e tive que me debruçar com mais profundidade sobre os textos clássicos de filosofia da educação – que iam de Comenius e Rousseau até os leitores contemporâneos de Paulo Freire e da Pedagogia Crítica – comecei a compreender que poderia ser bastante rico trabalhar com autores pouco lidos nos ambientes acadêmicos e que tivessem uma compreensão mais ampla da educação.

Nas conversas com alunos ou nos debates em sala de aula, eram recorrentes a menção a pedagogias alternativas à dureza da escola tradicional e, vez por outra, alguém citava o exemplo bem sucedido da Antroposofia, que prezava no interior de suas escolas por uma compreensão mais totalizante do aluno e pela elaboração de um currículo adaptado às necessidades específicas de cada faixa etária. Com a ajuda do professor Ivan pudemos então começar o estudo da obra de Steiner e perceber em seus textos sobre educação, um leitor atento e muito assíduo de toda a discussão pedagógica do século XIX e inícios do século XX, afinal suas críticas se baseavam em uma ampla bibliografia que Steiner discutia sempre com muita propriedade.

Se é verdade que seu foco era conceber uma educação segundo a Ciência Espiritual – o que o distanciava consideravelmente de muitos dos pensadores dos dois últimos séculos – é também evidente o interesse do filósofo e educador germânico por diversas questões que permanecem contemporâneas no campo da educação: como a promoção de um aprendizado significativo (questão tão cara aos construtivistas), a crítica a um currículo conteudista e desvinculado da realidade dos alunos e o choque entre as novas e as velhas gerações. Em sua crítica ao empirismo de finais do oitocentos, Steiner advoga uma ciência que vá além das aparências e que reflita as disposições que a vida humana tem para o futuro. Nossa existência poderia ser comparada, dessa forma, com a existência de “um planta, não abrangendo apenas o que se apresenta à vista, mas contendo em seu âmago um estado futuro”. Como expunha em seu texto sobre *A Educação da Criança*

segundo a Ciência Espiritual, “quem vê uma planta apresentando apenas folhas sabe, perfeitamente, que ela terá dentro de algum tempo, flores e frutos; contudo a planta já possui, de maneira invisível, a disposição para essas flores e frutos. Mas como poderia opinar sobre o aspecto desse órgão alguém que se limitasse a estudar na plana apenas o que ela apresenta ao olhar do observador no momento presente?”

Esse leitura totalizante do ato de educar, encaminhava as crianças, na percepção de Steiner, para uma evolução madura e responsável rumo a vida adulta e independente. Tal como Rousseau, que dividia a vida do seu *Emílio* em fases nas quais as atividades eram encadeadas para alimentar o amor da criança pela liberdade, Steiner via uma construção paulatina da criança em fases que se sucedem mais ou menos a cada sete anos e nas quais vão aumentando nosso poder de abstração e nossa responsabilidade por tudo aquilo que nos cerca.

Ainda que pareça um tanto absurdo, não posso deixar de acreditar que (independente do caráter esotérico) esse apreço pela liberdade e pela responsabilidade era o ponto central que articulava para o professor Ivan às lições educacionais de Rudolf Steiner à experiência educacional – mesmo a universitária – dos nossos dias atuais. Ivan, quer como professor ou como diretor do Instituto, nunca deixou de transmitir a todos os que se aproximavam dele uma clara mensagem de que a educação devia primar pela liberdade e os grupos todos, deveriam estar habilitados para a autogestão e para uma intervenção política e social consciente e responsável. Nesse sentido certa vez me recomendou uma leitura de Steiner na qual pude ver uma antecipação de alguns dos pilares de Pedagogia da segunda metade do século XX, pois antecipando autores como Paulo Freire, Steiner já propunha, em *A prática pedagógica*, que “não há, basicamente, em nenhum nível, uma educação que não seja a auto-educação. [...] Toda educação é auto-educação e nós, como professores e educadores, somos, em realidade, apenas o ambiente da criança educando-se a si própria. Devemos criar o mais propício ambiente para que a criança eduque-se junto a nós, da maneira como ela precisa educar-se por meio de seu destino interior.

Em nossas discussões, que muitas vezes tangenciavam diversos outros assuntos ligados tanto à educação como às ciências do espírito, pudemos discutir com os poucos alunos que sempre apareciam, as respostas sugeridas por Rudolf Steiner às questões de seu tempo e quão atuais e urgentes elas continuam para nós, educandos e educadores.

Diego Omar da Silveira é doutorando em História e Culturas Políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professor substituto do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Atuou ao lado do Prof. Ivan em diversas pesquisas e atividades desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos da Religião, entre os anos de 2004 e 2010.